

A inclusão social de crianças com deficiências

Heloísa Xavier da Silveira Calazans*

Cada desperdício de um destino, um indivíduo que se proíbe de se desenvolver naturalmente, conforme suas capacidades ou até além delas, me parece tão trágico e tão importante quanto uma guerra, pois é a derrota de um ser humano – que vale tanto quanto milhares. (Lya Luft)

Resumo

Este trabalho se propõe a alertar profissionais da área de educação quanto à necessidade da inclusão social de indivíduos deficientes, da mesma forma que lhes mostra o caminho mais fácil para direcionar tais seres em seu crescimento intelectual e social.

Palavras-chave: profissionais da educação; inclusão social; deficientes.

Abstract

This work aims at alerting education professionals to the necessity of the social inclusion of handicapped persons. It also intends to show that by becoming aware of their deficiencies, these professionals are more easily apt to help the handicapped improve socially and academically.

Outros apresentam uma enorme dificuldade de compreender o que lhes é explicado, embora sejam capazes de se expressar claramente, usando até mesmo um vocabulário rebuscado e rico.

Keywords: education professionals; social inclusion; handicapped.

Algumas crianças são portadoras de deficiências genéticas que as tornam diferentes das outras em suas aptidões e ritmo de aprendizagem. Faz-se necessário um conhecimento de tais deficiências, por parte dos educadores, de modo que eles possam ajudar os seus portadores, para que não sejam excluídos da sociedade e do processo de aprendizagem acadêmico. A escola inclusiva já é uma realidade no Brasil e no mundo, e são várias as que possuem classes especiais para crianças deficientes, nas quais elas podem desenvolver suas habilidades e inteligências para que, no futuro, sejam indivíduos úteis ao meio social e felizes.

Alguns indivíduos apresentam distúrbios de comportamento que os impossibilitam de acompanhar as aulas, em razão de dispersarem

*Professora de Português-Inglês /UFRJ; Pós-graduada em Literaturas de Língua Inglesa/ UERJ; Psicopedagoga do Instituto Isabel; Pós-graduada no curso de Formação de Professores de Português para Estrangeiros/ PUC-RJ. Helocalazans@ uol.com.br
Material recebido em fevereiro de 2005 e selecionado em abril de 2005.

sua atenção com muita facilidade, desligando-se das atividades em sala de aula. Pensava-se que tais indivíduos não aprendiam o que lhes era ensinado por serem possuidores de uma audição precária e deficiente. Esta falta de concentração sistemática, e que vem sendo notada atualmente em grande escala na população escolar, já vem sendo estudada largamente por médicos e psicólogos, e foi denominada de “déficit de atenção” (Attention Deficit Disorders), sabendo-se, hoje, que isso não está relacionado a nenhuma deficiência auditiva. Outros apresentam uma enorme dificuldade de compreender o que lhes é explicado, embora sejam capazes de se expressar claramente, usando até mesmo um vocabulário rebuscado e rico. São estes os portadores da “Síndrome de Williams” (Williams Syndrome), LENHOFF *at al.* Tal deficiência

foi descoberta pelo Dr. Williams, e por isto recebeu seu nome. Por algum tempo, pensou-se que estes indivíduos seriam portadores de deficiência auditiva.

Uma outra anomalia genética que se manifesta é a Síndrome de Apert, descrita por Apert em 1906. Esta síndrome, de rara incidência, é responsável por alterações no esqueleto e no crânio, assim como pela fusão dos dedos das mãos e dos pés (sidactilismo), tornando os portadores da mesma seres com um aspecto estranho e, às vezes, até mesmo bizarro. Devido às alterações da caixa craniana, são portadores de deficiência auditiva.

Sejam as deficiências simples ou complexas, faz-se necessário que nós, educadores, saibamos identificá-las, podendo, assim, incluir os seus portadores num processo educativo adequado às suas necessidades básicas, e não excluí-los do direito que todo ser humano tem de aprender e crescer socialmente. Momento houve em que tais crianças foram consideradas como incapazes de participar de um processo educativo sistemático programado para crianças não-deficientes e, desta forma, foram criadas as primeiras escolas para portadores da Síndrome de Down, estabelecimentos nos quais só se encontravam crianças que apresentavam esta anomalia genética. Entretanto,

to, estudiosos começaram a questionar se uma segregação total seria realmente ideal, e chegaram à conclusão de que, separando-os dos demais, estes seres não possuíam outros modelos à sua volta que os ajudassem a querer melhorar seu desempenho social e acadêmico. Chegou-se, então, ao momento em que educadores concluíram que a inclusão social de crianças deficientes seria o ideal para que elas não se sentissem excluídas e também possuísem outros modelos que pudessem funcionar como desafios para a busca de um crescimento maior. Se compreendermos como funcionam as mentes dos deficientes, seremos capazes de fornecer-lhes as ferramentas adequadas para ajudá-los na construção de suas personalidades.

A inteligência humana sempre foi interpretada como sendo um único atributo do ser e, durante muito tempo, foi medida com quocientes numéricos – quocien-

que o indivíduo fosse aceito como parte da população tida como dentro dos limites da inteligência “normal”. Ele e outros, como L. L. Thurstone e L. P. Guilford, por meio de pesquisas minuciosas, provaram que o ser humano pode apresentar outras manifestações de inteligência, e desta forma estabeleceram que, na verdade, temos múltiplas inteligências que atuam nas diferentes áreas em que operamos em nossas trocas diárias com o mundo que nos cerca. Com esta descoberta, pudemos compreender melhor o comportamento de certos indivíduos que, durante algum tempo de suas vidas, foram considerados deficientes devido às suas dificuldades em aprender a ler ou a escrever, e que, anos mais tarde, se revelaram gênios, como Einstein e Sabin.

Por meio de pesquisas minuciosas, provaram que o ser humano pode apresentar outras manifestações de inteligência, e desta forma estabeleceram que, na verdade, temos múltiplas inteligências

te de inteligência (QI). Gardner (1994) foi um dos que ousaram quebrar esta barreira preconceituosa que avaliava a inteligência humana num só aspecto: a capacidade de responder a testes com um resultado medido numericamente, que exigia um mínimo de percentual a ser alcançado para

Howard Gardner, juntamente com outros pesquisadores da Universidade de Harvard, desenvolveu uma teoria baseada numa visão pluralista da mente humana, o que derrubou o conceito de medida do QI, assim como as visões unitárias da inteligência. Anteriormente a

Gardner, Thurstone já afirmara que a inteligência poderia ser descrita como sendo composta por vários fatores independentes e, desta forma, sugeriu nove desses fatores, aos quais ele denominou de “aptidões intelectuais”: espacial, perceptivo, numérico, relações verbais, memória, indução, raciocínio aritmético e dedução. Sternberg (1990) viu dois pontos fundamentais nesta teoria. O primeiro seria compreender que a inteligência não é algo simples e unitário, ou apenas um conjunto de múltiplas habilidades; muito pelo contrário,

A partir da contribuição dos trabalhos de Gardner e de outros estudiosos, passamos a encarar e a reconhecer o caráter múltiplo da inteligência, e a admitir a perspectiva de que a inteligência é formada por uma teia de relações que se manifestam em várias dimensões.

Portadores da Síndrome de Williams demonstram, ao mesmo tempo, uma assustadora mistura de habilidades e dificuldades de aprendizagem. Tais indivíduos são freqüentemente diagnosticados como retardados mentais, sendo portadores em média de um QI entre 40 e 50. Entretanto, possuem uma habilidade verbal extraordinária, e até mesmo rara. Sua escrita é deficiente, e eles têm dificuldade com problemas simples de aritmética. Ainda assim, apresentam assustadoras habilidades em determinados campos. São eloqüentes, empáticos, sociáveis, reconhecem fisio-

Portadores da Síndrome de Williams demonstram, ao mesmo tempo, uma assustadora mistura de habilidades e dificuldades de aprendizagem.

o ser humano possui múltiplas inteligências, sendo cada uma distinta da outra. O segundo seria que, por serem independentes, ao avaliarmos uma habilidade pessoal, ou até mesmo várias, não podemos garantir que este mesmo resultado irá se repetir em todas as outras áreas da competência humana.

com facilidade e possuem um surpreendente dom musical, sendo capazes de, até mesmo sem saberem ler uma partitura, cantar e tocar instrumentos musicais demonstrando compasso e ritmo perfeitos. Estudos recentes revelaram que crianças acometidas desse mal mostram grande interesse e responsabilidade em rela-

ção à música. Uma criança portadora da Síndrome de Williams disse, certa vez: “A música é minha forma de pensar.” Hoje, graças a Gardner e outros estudiosos, já existe um lugar para tais indivíduos na sociedade.

Quanto às crianças portadoras de déficit de atenção (Attention Deficit Disorders-ADD), sabe-se hoje que esta é uma síndrome caracterizada por sérias e persistentes dificuldades do aprendiz em três áreas específicas: tempo de concentração, hiperatividade e controle emocional. A ADD é uma deficiência crônica, que pode começar na infância e se estender durante toda a vida adulta, produzindo efeitos negativos não só na vida doméstica da pessoa como também no seu desempenho acadêmico e na sua socialização. Hoje em dia, estima-se que de 3 a 5% de nossa população em idade escolar sofram deste mal, sendo estes seres geralmente rotulados como deficientes mentais ou considerados como alunos com dificuldade de aprendizagem. A causa desta alteração comportamental é um desajuste na ação de duas substâncias que fazem a comunicação entre os neurônios: a noradrenalina e a dopamina. Quando a química destes agentes não funciona adequadamente, percebe-se um aumento da dispersão e da agitação nesses indivíduos. Assim, concluiu-se que a ADD é um problema biológico, e não comportamental, embora sua manifestação seja percebida no comportamento social do indivíduo. Professores, pais e profissionais, tais como psicólogos e psiquiatras, têm que estar juntos num trabalho de equipe para poderem ajudar esses indivíduos a sobrepujarem tal problema e a se tornarem

peças socialmente ajustadas. Recomenda-se que os professores sigam as seguintes normas ao lidarem com crianças portadoras de ADD (BARKLEY, 1981):

Crianças portadoras de déficit de atenção se frustram facilmente e, portanto, precisam ser sempre valorizadas por meio da atitude otimista do professor.

- 1) Dêem uma tarefa de cada vez para ser realizada.
- 2) Freqüente monitoramento da criança, com uma atitude sempre positiva.
- 3) Desenvolvam, quando necessário, um programa mais individualizado para a criança.
- 4) Dêem mais tempo para que a criança possa realizar suas tarefas. Estas crianças podem ser mais lentas.

Crianças portadoras de déficit de atenção se frustram facilmente e, portanto, precisam ser sempre valorizadas por meio da atitude otimista do professor. Com orientação correta dos médicos e ajuda dos educadores e pais, tais indivíduos poderão seguir suas vidas normalmente.

Com relação à Síndrome de Apert, temos mais um fator de complicação: os indivíduos por ela acometidos apresentam um desenvolvimento mental normal, porém podem possuir deficiências em várias áreas, tais como: audição, coordenação motora fina, aparelho fonador, etc. (NORTHERN & DOWNS, 1989). Além disso, estes

seres apresentam deformidades físicas que, às vezes, levam outras crianças a rejeitá-los. Faz-se necessário todo um trabalho por parte dos educadores das entidades educacionais junto aos pais das outras crianças, para que estas os compreendam e os aceitem.

É necessário ser otimista com as crianças portadoras de deficiências, e tenho certeza que elas

surpreenderão com relação ao potencial que possuem para aprender, sendo fácil a sua inclusão social. Deficientes não devem ser considerados como um fardo pesado a ser carregado por familiares, como se pensava antigamente. Eles são capazes de desempenhar um papel social importante na história do mundo.

Referências Bibliográficas

- BARKLEY, Russell. *Hyperactive children*. New York: Guilford Press, 1981.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LENHOFF, Howard M.; WANG, Paul P.; GREENBERG, Frank; BELLUGI, Ursula. Williams Syndrome and the brain. *Scientific American*, v. 277, n.6, December 1997.
- LUFT, Lya. *Perdas & ganhos*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- NORTHERN & DOWNS, 1989 – www.kidwatch-uk.net/special/apert.htm Acesso em 4 de fevereiro de 2005, p.1.
- SÍNDROME DE APERT. Disponível em: www.kidwatch-uk.net/Special/apert.htm. Acesso em: 20 de março de 2005.
- STERNBERG in SMOLE, K. C. Stocco. *A matemática na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.